

**APRESENTAÇÃO DO PRESIDENTE DA TELEBRASIL POR OCASIÃO DA
ABERTURA DO 46º PAINEL TELEBRASIL
COSTÃO DO SANTINHO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA.
(O DISCURSO NÃO PROFERIDO)**

Bom dia a todos neste dia em que novamente estamos reunidos em mais um encontro ecumênico da Telebrasil. Agradecimento especial à Brasil Telecom, nosso grande anfitrião, e aos demais patrocinadores deste encontro, sem os quais nada aconteceria. Quero tecer algumas considerações:

Tópico I – Considerações sobre as Frustrações da certeza.

Em março de 1998, um grupo de audazes investidores em tecnologia se preparava para apresentar ao mundo um engenhoso e inovador projeto de Comunicações Mundiais, o projeto Iridium, cujo comando na América do Sul foi confiado a mim e ao Nicolas Jove, que nos dá hoje a alegria de sua presença.

Esse projeto, por circunstâncias tecnológicas e de mercado conhecidas não obteve sucesso, apesar da obesidade dos investimentos e de todos os planos de negócios elaborados pelos mais renomados e competetíssimos profissionais do planeta. Todos ficaram frustrados. O Iridium não atendeu a uma pensada necessidade. E parou! Mas como acontece na maioria dos inventos realizados pela humanidade, inventados para atender a determinada suposta aspiração ou finalidade, sempre acabaram por resultar em frustrações imediatas. Mas, passado algum tempo, terminam, aquelas invenções, por atenderem a uma necessidade em outro campo não vislumbrado no início. E aquela frustração de curto prazo desaparece com o tempo. Isto aconteceu porque, na maior parte dos casos em nossa história, as invenções, que aparentemente são produto de uma necessidade, acabam mesmo em gerar novas necessidades. A história então nos revela que a invenção é que é a mãe da necessidade e não o inverso. Assim aquela invenção, Iridium, que frustrou a tantos, poderá amanhã, levemente retocada, surgir para aplicações inesperadas, não percebidas ainda.

A gente erra e acerta, acerta e erra: fenômeno pendular da existência.

É por isso que devemos sempre nos lembrar que frustrações e fracassos são as que não faltam na existência, e são, às vezes, simples aparências, ou passageiras, como o caso de Guttemberg, que frustrado por insucesso inicial, não podia vislumbrar que sua invenção seria a base para o estabelecimento da renascença e da escola moderna. Tudo que é feito sempre tem sua utilidade, normalmente invisível no presente. Portanto, há que se fazer, há que se inventar, há que se realizar e deixar a nave navegar, pois nosso horizonte de previsibilidade é muito limitado pelos condicionamentos do cotidiano e pela ausência do conhecimento dos acasos, que sempre surgem. O receio do erro e conseqüente frustração não deve, portanto, inibir nossa audácia de inventar e de realizar, pois toda ação inicial encontra-se sempre cheia de imperfeições, que são inerentes de cada ser e estruturas, até as físicas, como as estrelas.....

Na realidade, as imperfeições são, como sabemos, o sustentáculo da evolução. Já imaginaram se o universo fosse perfeito? Tudo estancaria no tédio e na chatice monótona da perfeição, sem potencialidades criativas.

Sabemos que o Cosmo, o sol, os planetas e a vida, as organizações políticas e empresariais encontram-se em contínuo estado de mudança, por imperfeições intrínsecas e frustrações sucessivas, que acabam esculpindo a evolução.

E os acertos? Ah, minhas senhoras e meus senhores, eles nada mais são do que imperfeições travestidas, porém de outra qualidade, de outra natureza, aguardando o tempo fluir com a eclosão de novos acasos, novas contingências para passos seguintes. Só aí, depois, poderemos ver os acertos equivocados e os erros acertados do passado.

Tópico II: Rápidas pinceladas sobre o Determinismo e o Acaso

Feita esta minúscula digressão apresentarei um outro aspecto da natureza que confunde nosso viver. Trata-se do problema do determinismo e do acaso, que vamos ilustrar com um exemplo do cotidiano.

No mês de março de 1998, em um vôo da Tam de BSB para RJ, encontrei um amigo antigo que portava uma belíssima gravata, elegantíssima. No avião elogiei sua gravata e seu exuberante e macho bigode. Aí, pelo agradável do momento, ele me convidou para suceder o Ilustre amigo Luiz Carlos Bahiana no comando da Telebrasil. Aceitei de imediato, sabendo que as decisões não podem perder a oportunidade pela busca do possível acerto, quando a gente começa a pensar muito e acaba por nada decidir. A Iridium concordou e eu assumi, acumulando as funções. Circunstâncias, contingências da vida, como tudo que nos acontece. Estou aqui este tempo todo, cometendo imperfeições sucessivas, tendo alegres frustrações para poder evoluir e vocês me aturando, tudo por causa da alinhadíssima gravata do Lázaro Brito.

Este pequeno detalhe, e todos temos inúmeras experiências desta ordem, é mencionado para lembrar que nossa efêmera existência é moldada por contingências, por acasos, e não por nossa pretensa determinação de lógica cartesiana, que costuma nos conduzir a erros crassos por prepotência do acerto. A vida é das interações fortuitas.

Os seres humanos apreciam muito o determinismo e a lógica formal, condicionados que ainda estão pelos paradigmas da filosofia iluminista, por desatenta ilusão e devaneio, o que tem sido demonstrado recentemente por variados pensadores, principalmente pelos fundadores da teoria do caos, a teoria que abriu-nos os olhos para as forças criativas da natureza, sem lógica formal. Isto veio a demonstrar nossas limitações de previsibilidade e de certezas, pois somos tão limitados, meus amigos, que muitas vezes cometemos a imprudência de acreditarmos que temos de fato razão em alguma coisa neste mundo Caótico de surpresas novidadeiras. É só dar uma espiadela na história humana e na evolução do Universo. E la nave vá.

Tópico III – Brevíssimas considerações sobre o fim e o início

Por outro lado o que termina costuma construir, o que acaba costuma renascer. Tudo tem um fim, que sempre leva a um novo início. Quase todas as espécies vivas desapareceram há 550, 440, 370, 250, 210 e a 65 milhões de anos por catástrofes caóticas de toda

natureza. Mortes globais, extinções em massa, periódicas, cuja chegada, que frustrou nossos ancestrais biológicos, matando-os, sempre acabou por reorientar, a cada vez, a evolução. Aquelas extinções foram os acasos que frustraram outras espécies, mas que acabaram por nos dar origem. Estamos vivos por causa das extinções anteriores. O fim é sempre um novo início. É o infundável fenômeno do deletério que acaba sempre por construir.

Tópico IV – Políticas, frustrações, acasos e evolução na história de nosso Ministério.

Feitas tais considerações, sob um determinado ângulo de observação, gostaria de me referir ao Ministério das Comunicações, criado na segunda metade da década de 60, cuja história, de grandes realizações, se suporta nas considerações apresentadas.

Devemos lembrar que as autarquias criadas em passado mais remoto ainda, inventadas para dinamizar a máquina do Estado, já haviam se transformado em idêntico órgão público com todas as amarras limitadoras do Estado. Por isso inventaram-se as empresas públicas e as de economia mista com o mesmo objetivo de independência de ação. Mas a ação burocrática não as deixou em paz e no final dos oitenta aquelas instituições eficazes no passado perdiam toda sua autonomia, não podendo, metaforicamente, nem comprar uma resma de lápis sem o formalismo medieval da licitação. Agora temos as Agências com outras renovadas esperanças. Mas vamos à história:

Muitos de vocês se lembram do primeiro Ministro das Comunicações, o baiano Dr. Simas. Quem não se lembra das expectativas de suas políticas, para realizar notáveis reformas? Sucedeu o Corsetti, no governo Médici, que, em momento conflitivo e difícil, criou a Telebrás, uma estatal, em primoroso ato político de lúcida reforma, a Telebrás que, no futuro, virou frustração por acasos que acabariam por extingui-la. Não fosse por certas circunstâncias, certos acasos, que geraram frustrações, outras coisas teriam acontecido.

Em seguida tivemos o Comandante Quandt, no governo Geisel, que regulamentou diversas atividades. Logo depois veio o agradável e eficiente Ministro Haroldo Correia de Matos, no Governo Figueiredo, que consolidaria nosso setor estatal. Seguiu-se o Ministro Antonio Carlos Magalhães, no Governo Sarney, sob o comando do qual servi à excepcional empresa Embratel. Na onda de uma catarata de transformações reformáticas salvadoras e entusiasmadas do Governo Collor, com a criação efêmera do Ministério da Infraestrutura, elas acabaram por recuar. Tivemos nesta ocasião o Rauber e o Marchesan. Com o ressurgimento do Ministério das Comunicações tivemos o Napoleão e o nosso bom amigo Djalma Moraes. Passado este tempo todo, como todos os tempos passam, o socialista e dinâmico Ministro Sérgio Mota, no governo Fernando Henrique, com política também renovadora, partiu para reorientar o nosso setor com nova política, que também recuava no passado, reprivatizando o que já tinha sido estatal, realizando assim um “reculer pour mieux sauter”. Ele foi um pedomórfico por excelência.

No mesmo governo FHC contamos com o Mendonça de Barros, que continuava o processo recursivo da privatização e, logo em seguida, tivemos o ilustre Ministro Pimenta da Veiga, que esbanjou apoio a esta Instituição, tendo ajudado em nossa evolução e que se esforçou demais para o funcionamento do FUST. No final do governo

FHC contamos com o Quadros, aquela pessoa equilibrada e competente, séria e agradável e com aquele belo semblante de causar inveja a qualquer um.

Cada um, como vimos, com características próprias, cada um com seus problemas e contingências do destino, com erros e acertos, com acertos e erros, imperfeições e frustrações em suas reformas paradisíacas que, no fim, acabaram mesmo por resultar em admirável evolução, que todos estamos a usufruir e compartilhar. Todos colocaram, de um jeito ou de outro, todas suas naturais imperfeições e ações, nas argamassas que iam interligando, por erros e tentativas, os tijolos da infundável e imperfeita construção do edifício de nossas telecomunicações, hoje melhor do que ontem, e que está a nos permitir a ubiqüidade, a planetização da espécie e o fim da soberania das nações.

Todos os nossos antecessores construíram, por que fizeram as coisas andar, com as correções naturais da existência. Dizia o maestro Von Karajan: Quem faz pode errar e quem não faz já errou. Temos que andar, continuar a jornada da ação humana.

E foi conhecendo o que pensavam e faziam tais personalidades é que pudemos hoje ver, depois, o que lhes faltava. Porque é comum só ver depois, pois sempre falta alguma coisa invisível no presente, como dissemos. Por isso é fácil ser sábio depois do evento.

Tópico V – A título de Conclusão

Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa tudo sempre passará. Tudo que se vê não é do jeito que a gente viu a um segundo. É a música do Lulu Santos, que apresenta em manifestação de caráter popular as inúmeras oportunidades de vislumbres de sabedoria para exercermos a função tão difícil, tão agradável e tão eloqüente como a missão de viver.

Para conduzirmos esta nave poderíamos enfatizar que é imprescindível para navegarmos neste planeta, que rodopia na escuridão dos confins de um subúrbio galático, aproveitarmos as imperfeições e aprendermos a entender o sentido das frustrações e dos acasos, para podermos caminhar com a coragem imprescindível que toda ação requer. Para tanto é necessária certa audácia nas políticas e nas ações, sem receios de frustrações ou de imperfeições, que sempre constroem, para saber viver o sonho impossível, que é propriedade das almas alegres e inventivas. E o que é isso, de Alma Alegre? É a alma de harmonização que sabe se fundir e se amorizar com as heterogeneidades das manifestações da existência, alma desprovida da arrogância do acerto, alma que saiba se integrar com a diversidade, que ame a dúvida, e que não pratique julgamentos e condenações do passado e do presente, pois estas atitudes são doenças psíquicas de fraqueza que não constroem. Alma Alegre que realiza, mas que não gosta da pregação; Alma que ama as diferenças, eliminando as dicotomias separatistas e maniqueístas, e que saiba viver sem rancor, que saiba perdoar por consciência de nossas ignorâncias, sabendo que nada do que existe é pior ou melhor, nada é feio ou bonito, nada é errado ou certo; Alma que acaricie os homens de boa vontade, talentosos, persistentes entusiastas e audaciosos, que são aqueles que, podendo comover até as pedras, fazem o mundo caminhar. Estes costumam nunca ter pressa antes do tempo nem ter a lentidão ante a oportunidade, como tem demonstrado o nosso digníssimo Presidente Lula, o presidente de alma alegre. Alma alegre que, entretanto, saiba dizer não aos tolos, aos preguiçosos,

aos presunçosos, aos fracos de espírito, vaidosos e egoístas condenadores queixosos. Alma alegre que saiba reafirmar o não àqueles que se deleitam, na arrogância de suas travestidas certezas, com acusações e reclamações, para esconderem suas próprias fraquezas e suas carências de imaginação, e que assim, não sabendo compartilhar e cooperar no risco do fazer, costumam escolher a traição nos complôs, na covardia sigilosa ou na violência. Alma que saiba servir e não pense em ser servida, pois só servindo, se subjugando ao interesse coletivo e se relacionando é que poderá dar o melhor de si, para ser mais feliz. Isto é a alma alegre, tão necessária ao novo mundo cibernético, o novo mundo das relações e interações das redes das redes ponto com. Só a alma alegre poderá continuar a jornada ancestral de progressiva planetização da espécie, que se tornou visível nesta nova renascença, para reduzir as diferenças insuportáveis das camadas sociais, para reduzir as disputas das nações, de forma a atingirmos um tipo de cooperação mundial que nos retire do risco próximo de estarmos todos poluídos e com falta de energia para alimentar as demandas humanas e para permitir o uso internacional de energias planetárias disponíveis, inesgotáveis, como a das marés, dos ventos e do Sol.

Agora temos um novo Ministro. O carioca Miro Teixeira, jornalista, advogado e reluzente parlamentar. Ele fará a mesma coisa que os ancestrais, mas claro que de forma diferente, munido com a experiência do passado e com o fogo sagrado da Alma Alegre, pois diferentes são os momentos da vida e diferentes são as personalidades de seus comandantes. A vida é uma experiência não linear, de lógica não determinista. Por isso há que andar, realizar a experiência e não ficarmos estagnados em debates lineares que perdem a visão ecológica, não linear e de interdependência das coisas. Neste momento gostaria, como já o fiz de outras vezes, citar uma luminosa expressão de Saint-Exupery: “se sou diferente de ti, antes de te lesar eu te acrescento”, para nos estimular a andar, apesar da diversidade e dos interesses localizados e para não nos perdermos na eternidade monótona do não fazer, por displicentes contendas de opiniões. Tudo tem que convergir para a eclosão de novos patamares evolutivos. Devemos amalgamar nossas diferenças para podermos ser criativos. Todo ministro, todo chefe, tem sempre algo a dar e sabe que existe somente para servir a sociedade. Ninguém chega lá à toa. Vivemos novos momentos, novas conjunturas, como sempre. Novas idéias, novas experiências, novos fatos, novos condicionamentos. A expressão de nosso Painel: “O jogo da vida está menos em receber boas cartas do que jogar bem quaisquer cartas recebidas” foi apresentada para nos lembrar que recebemos na vida sempre as cartas um pouco embaralhadas. São aquelas mencionadas imperfeições de cada momento que, entretanto, não devem limitar, previamente, nossa coragem por medo de possíveis frustrações corriqueiras.

Os homens do setor, Sr. Ministro, estão dispostos, como sempre, a colaborar, com alma alegre e solidária, com suas idéias, seus propósitos e políticas, para fazê-las avançar e, juntos, em incontida e irrefreável cooperação, superar, com transcendência, rivalidades sempre triviais, porque somos todos iguais, com idênticos propósitos, para tentarmos jogar bem as cartas recebidas. Aliás, o nosso Presidente Lula, com diploma de PhD pela Universidade da Vida, referiu-se que temos é que realizar e nada reclamar. É nosso Presidente Lula um homem de Alma Alegre. Andar, caminhar para não estagnarmos, coisas que não devem ficar paradas, como aconteceu recentemente com o FUST, que parou por discussões acadêmicas pretensiosas e estéreis. Assim é preciso agir rápido, mas

com a cautela necessária Temos que juntar nossas diversidades e inteligências para, solidariamente, construirmos um Brasil mais saudável, mais feliz para todos os brasileiros, como fazem as diferentes e personalizadas células de nosso corpo, em exemplo sublime e distinto do que pode fazer a cooperação dos diferentes, para construir um corpo, como mencionou Saint Exupéry.

Sr. Ministro conte com todos os Associados da Telebrasil e não deixe, por favor, de sempre nos visitar. Precisamos de V. Excia e vice versa.

Por fim, desejo a todos que se comportem como um cantor de ópera que, quando é apunhalado pelas costas ou pela frente, em vez de urrar de dor e de gritar, simplesmente continua cantando prostrado, mas de forma afinada, cumprindo sua missão de cantar, que é nossa missão na vida.

Antes de terminar desejo enfatizar Sr. Ministro e prezados amigos, um projeto que considero muito importante para nosso desenvolvimento. Trata-se do Projeto Talento. Falamos muito da inclusão digital, absolutamente fundamental, da Universalização dos serviços e em prover a sociedade de facilidades de comunicações a preços módicos e de termos uma política industrial. Excelente! Mas, e os Talentos do Brasil como vão? A sociedade vive de seus talentos, de jovens talentosos. Estes se encontram, estatisticamente, nos cursos de doutorado, cursos para a invenção e a criatividade competente e profunda, características marcantes de nosso genoma. Concluímos tal projeto com o apoio da Accenture, cujo Presidente, Dr. Genesini, forneceu-nos substancial estímulo e apoio. Conclamamos as empresas a investirem neste Projeto, cuja demanda de recursos é bastante modesta e de valor inquestionável. Uma sociedade precisa estimular seus talentos de alma alegre. Trata-se de apoiar financeiramente teses de doutorado que sejam do interesse de nosso setor, nas áreas acadêmicas de Direito, Administração, Marketing, Comunicação Social, Economia e Ciência e Tecnologia. Sabemos que nas tentativas de teses de doutorado surgem idéias e vislumbres de alta potencialidade.

Sr. Ministro muito obrigado e desejamos sucesso em sua gestão, para o bem de todos.

Muito obrigado a todos vocês.

Um beijo para todos vocês. Volto na sexta-feira a conversar com todos para alegria-los no jantar da Embratel.